



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS**

LARISSA CAROLINE CHALEGRE DA SILVA

**AMBIGUIDADE LEXICAL NUMA PERSPECTIVA DA
SEMÂNTICA COGNITIVA**

**MACEIÓ/ AL
2022**

LARISSA CAROLINE CHALEGRE DA SILVA

**AMBIGUIDADE LEXICAL NUMA PERSPECTIVA DA
SEMÂNTICA COGNITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, curso de Letras/Português, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jair Gomes de Farias

**MACEIÓ/AL
2022**

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586a Silva, Larissa Caroline Chalegre.
Ambiguidade lexical numa perspectiva da semântica cognitiva / Larissa
Caroline Chalegre da Silva. – 2022.
30 f. : il.

Orientador: Jair Gomes de Farias.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 29-30.

1. Ambiguidade lexical. 2. Linguagem. 3. Semântica lexical. I. Título.

CDU: 81'373

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA CAROLINE CHALEGRE DA SILVA

AMBIGUIDADE LEXICAL NUMA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA COGNITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador Prof. Dr. Jair Gomes de Farias
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Prof.(a). 1º Examinador
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Prof.(a). 2º Examinador
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Maceió/AL, 20 de fevereiro de 2022.

DEDICATÓRIA

Dedico a realização deste trabalho aos meus amigos e colegas presbiterianos que sempre me motivaram a não desistir. Aos colegas de Curso, em especial à Leilane Catharine, pelo apoio no decorrer do Curso e pelos diversos momentos de apoio e descontração em meio à jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, que sempre foi o sustento e o meu porto seguro. Aos meus professores, em particular ao Prof. Dr. Jair Farias, meu orientador. E por fim, a todos os que me deram apoio e contribuíram direta e indiretamente para conclusão desta etapa na minha vida e formação no curso superior.

EPÍGRAFE

"A linguagem é a ponta visível do iceberg da construção invisível do significado".

(FAUCONNIER)

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Elementos da comunicação.....	16
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funções da linguagem.....	16
---	----

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a ambiguidade lexical levando em consideração a importância dos aspectos cognitivos inerentes à linguagem, na veiculação do conhecimento semântico no português. Serão dados de análise itens lexicais como: *merda, droga, peste, cagando*. Tem por objetivo analisar a ocorrência desse fenômeno linguístico, evidenciando que o sentido não está apenas na relação de referência ontológica, mas também na mente dos falantes e dos ouvintes. Tem como objetivos específicos: verificar os aspectos que podem levar a ocorrência da ambiguidade de sentidos através de uma abordagem semântico-cognitiva; demonstrar a semântica lexical no uso social da língua. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, cujos dados foram coletados em livros, artigos científicos disponíveis on-line, em revistas especializadas e em periódicos. A hipótese desse trabalho consiste na ideia de que há um acontecimento linguístico que ocasiona a ambiguidade no âmbito lexical. Ou seja, existe em um determinado momento da língua, em que os falantes vão ligando os sentidos provenientes das propriedades dos itens lexicais e ampliando seu uso em outro contexto, todo esse processo se dá de forma inconsciente, caracterizando assim a ambiguidade. Este estudo fundamenta-se na Semântica Lexical de orientação cognitiva embasado em autores como Ferrarezi Júnior (2008), Ferrari (2011), Ilari (2013), Jakobson (2010), cuja premissa fundamental é a relação entre a língua e os construtos mentais que, de alguma maneira, representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante. Como resultado entende-se que os itens lexicais analisados assumem diferentes sentidos no ato comunicativo, evidenciando que a ambiguidade é parte desse processo de construção.

Palavras-chave: Linguagem. Semântica lexical. Comunicação. Ambiguidade.

ABSTRACT

This research presents a study on lexical ambiguity, taking into account the importance of cognitive aspects inherent to language, in conveying semantic knowledge in Portuguese. The analysis data will be lexical items such as: shit, drug, pest, shit. It aims to analyze the occurrence of this linguistic phenomenon, showing that the meaning is not only in the ontological reference relationship, but also in the minds of speakers and listeners. Its specific objectives are: to verify the aspects that can lead to the occurrence of ambiguity of meanings through a semantic-cognitive approach; demonstrate lexical semantics in the social use of language. The methodology used is of a qualitative nature, whose data were collected in books, scientific articles available online, in specialized magazines and in periodicals. The hypothesis of this work is the idea that there is a linguistic event that causes ambiguity in the lexical scope. That is, it exists at a certain moment in the language, in which speakers link the meanings from the properties of lexical items and expand their use in another context, this whole process takes place unconsciously, thus characterizing ambiguity. This study is based on Lexical Semantics of cognitive orientation based on authors such as Ferrarezi Júnior (2008), Ferrari (2011), Ilari (2013), Jakobson (2010), whose fundamental premise is the relationship between language and the mental constructs that, in some way, represent or are encoded in the semantic knowledge of the speaker. As a result, it is understood that the analyzed lexical items assume different meanings in the communicative act, showing that ambiguity is part of this construction process.

Keywords: Language. Semantics lexical. Communication. Ambiguity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Linguagem e significado no contexto semântico.....	15
2.2 Processos cognitivos: lembranças, percepções e pensamentos.....	17
2.3 Lexemas e seus significados.....	19
2.4 Linguística cognitiva: conceituações.....	21
3 AMBIGUIDADES E SEMÂNTICA COGNITIVA.....	22
3.1 Análises semânticas.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A semântica está presente em todos os níveis de análise linguística, incluindo os processos de produção textual e verbal, que envolvem os aspectos léxico e sintático. A elaboração de textos pressupõe que o léxico seja evidente, uma vez que o autor deve sempre usá-lo para dar coesão e coerência ao texto. Em se tratando de poesia, por exemplo, o uso do vocabulário revela as intenções lexicais e semânticas, de modo a possibilitar o entendimento do efeito estético e a interpretação textual, considerando a intercessão da semântica com diversos elementos necessários para essa composição.

Contudo, a semântica não se restringe ao estudo teórico sobre significados lexicais, pelo fato de que o próprio “significado” como léxico, oportuniza entendimentos e interpretações diversificadas. Dessa maneira, a semântica possibilita aos falantes a usarem a língua de maneiras distintas, adaptando as palavras de acordo com o vocabulário de cada um. Para Ferrarezi Júnior (2008), conforme Chomsky, essa é uma capacidade humana criativa que possibilita às pessoas entenderem e construírem irrefletida ou inconscientemente, as suas formas de comunicação, sob-regras que possibilitem a definição de sentenças não ouvidas e pronunciadas anteriormente.

Nesse sentido, o termo "semântica" envolve necessariamente uma relação entre a linguagem e as situações ou eventos que ela descreve. Para Jackendoff (1983), a ênfase se coloca nas representações: existem um "mundo real" - o mundo dos eventos e das coisas, que tem apenas um papel indireto na linguagem - e um "mundo projetado" - a representação conceitual/mental -, este diretamente ligado à linguagem e relevante para os estudos linguísticos. Somente a esse mundo projetado, inconscientemente organizado pela mente, é que temos acesso direto: só podemos falar das coisas na medida em que elas adquirem representação mental através desses processos de organização. Nesse sentido, o autor radicaliza a abrangência da "restrição gramatical", não aceitando uma representação de interface entre a sintaxe e a semântica (a Forma Lógica da Gramática Gerativa que visa por sua vez a uma perspectiva mentalista individual, para o gerativista o foco é a descrição e explicação adequada das estruturas sintáticas da língua, da sua gramática, entendida como um mecanismo mental, interno e, acima de tudo, individual.), bem como abandona noções de referência e de valores de verdade de uma semântica extensional.

A linguagem constrói a base predicativo-descritiva da referenciação que possui no estudo das palavras e seus significados ou sentidos, podemos partir, ora da palavra para seus sentidos e referentes (ou campo de aplicação ora da palavra para seus sentidos e referentes (

Ou campo de aplicação semântica e referencial dessa palavra ou item lexical), ora de um significado ou conceito ou ainda uma entidade referencial) para as diferentes palavras ou itens lexicais que o designam. Ela não é o espelho do "mundo" em uma semântica inocente. Nem "constitui" a realidade. A linguagem é determinada, por um lado, pelos modos de operar simbolicamente sobre o "mundo" e, por outro lado, pelos modos de operar concretamente sobre o "mundo": representações e experiências concretas se "estruturam", pois, dialeticamente.

Para Cançado (2000) Embora se esteja assumindo a mediação de uma representação conceitual entre as expressões e os eventos e objetos a que se refere à própria linguagem se estende além do componente conceitual-predicativo, através de mecanismos dêiticos (para incluir vários tipos de categorias funcionais como a dos determinantes e do tempo), quantitativos (como a quantificação nominal, a intensificação adjetival e o aspecto verbal) e modais, que associam as representações conceituais e predicativas a determinados estados de fato. Não se exclui, pois, a relevância linguística de uma semântica referencial e da forma lógica da linguagem.

O que é importante ressaltar aqui é que a estruturação conceitual dos eventos (da "realidade") e a estruturação linguística de sua representação interagem de uma maneira complexa. Projetada sobre a estrutura sintática, dependendo de condições restritivas do léxico, morfologia e sintaxe, a representação conceitual adquire uma face linguística: essa face reflete, por um lado, modos específicos de estruturação da realidade, enquanto sequências de eventos espaço-temporalmente ordenadas e está, por outro, sujeita a limites da gramática das línguas naturais.

Assume-se, assim, uma certa estruturação dos eventos como base da noção linguística de papéis temáticos; essa noção, entretanto, se reserva para definir os papéis que se determinam pela relação semântica entre predicadores e argumentos, no plano da linguagem. Embora a distinção entre papéis do evento e papéis como noções linguísticas pareça relevante para compreender aspectos da interpretação de certas orações, não será trabalhado aqui esse ponto, sendo colocada a atenção somente sobre a noção linguística de papéis temáticos.

Reformulando a definição de Franchi (1975), uma relação semântica qualquer entre um predicador, seja ele um item lexical ou uma expressão complexa, e seu argumento, ambos se caracterizam pelo papel determinado por essa relação, onde ao papel do predicador chamaremos de "diátese" e ao papel do argumento chamaremos de "papel temático".

Desse modo encontra-se a ambiguidade lexical, tendo em vista que os estudos linguísticos, para ajudar a entender e diferenciar as dificuldades dos falantes, atribui as

palavras à homonímia e a polissemia. De maneira que a homonímia, mesmo sendo grafada da mesma maneira, não estabelece um elo semântico entre si. Enquanto que a polissemia é determinada como a palavra que tem capacidade de assumir diferentes significados, sem modificar a semântica. Um exemplo, é a palavra morro que pode ser uma flexão do verbo morrer ou o sinônimo de morte. Ambas possuem fonética igual, são escritas da mesma forma, porém seus significados são diferentes. Um bom exemplo de polissemia é a palavra “Letra” (sinal gráfico que se usa, na escrita, para representar os sons da fala – Nosso alfabeto possui 26 letras; ou então conjunto de palavras que compõem o texto de uma canção – A letra dessa música é muito bonita).

A análise de uma obra poética, por exemplo, apoia-se nos estudos linguísticos da semântica e do léxico, porque, segundo alguns autores, dentre eles Bakhtin (2000), no geral os estudos linguísticos e literários tendem a ser realizados de forma completamente dissociado. Ainda segundo Bakhtin, o leitor ao entrar em contato com essas possibilidades se depara com particularidades do gênero. Desse modo, embasado na concepção de Bakhtin (2000), percebe-se que a força da semântica e a natureza da ambiguidade se encontram nas palavras, geradoras de significados.

Diante disso, percebe-se, tanto na língua escrita quanto na língua falada, que algumas palavras geram ambiguidade na hora dos falantes se expressarem. Muitas vezes, essa ambiguidade se dá pelo fato de uma palavra conter mais de um significado nela mesma. De modo que muitas dessas palavras dentro de suas possíveis interpretações podem ser consideradas grosseiras, indecentes e vistas pela sociedade como indelicadas.

Partindo do princípio de que todas as palavras e expressões verbais são alvo de estudo da linguística, pretende-se englobar algumas palavras, tais como: *merda, droga, peste, cagando*. *Merda, cagando, droga e peste* podem ser consideradas como grosseiras. Palavras que além de não fazer parte da língua culta, causam um mal estar no meio de onde são expressas. Mediante o exposto, a pesquisa tem por objetivo analisar a ocorrência deste fenômeno linguístico, demonstrando que o sentido não está apenas nas coisas, mas também na mente dos falantes e dos ouvintes. Especificamente, verifica os aspectos que podem levar a ocorrência desses duplos sentidos através de uma abordagem semântico-cognitiva; pois por esta linha de pesquisa considerar como parte integrante da linguagem os sistemas cognitivos, como: percepção, atenção, memória, raciocínio, pois todos estes são fundamentais para a causa das ambiguidades nas palavras, onde os principais pressupostos da linguística cognitiva: a linguagem não é um módulo estanque, separado de outras faculdades cognitivas, a estrutura gramatical de uma língua reflete diferentes processos de conceptualização, o conhecimento

linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem. Identificar as possíveis interligações sociais que propiciam essas performances linguísticas; demonstrar a semântica lexical no contexto da linguagem usual.

Desse modo, o trabalho ressalta alguns pontos levantados por Chomsky (1981), que caracteriza a gramática gerativa, salientando a característica de que o significado é concebido com reflexo da realidade. Portanto, ao observar as diversas formas de linguagens, deixamos de perceber o quanto associamos a linguagem à cognição, e, por outro lado, o quanto o ser humano é apto a captar esses sentidos cognitivos agregados à linguagem, de forma imediata.

Como justificativa para realização dessa pesquisa, levamos em consideração as diversas formas de expressão que os usuários utilizam para se comunicar, por meio de uma linguagem usual, que muitas vezes se confunde no âmbito da linguística. A hipótese desse trabalho consiste na ideia de que há algum acontecimento linguístico que ocasiona a ambiguidade no âmbito lexical, ou seja, existe em um determinado momento da língua, em que os falantes vão ligando os sentidos provenientes de uma palavra e apoiando mecanismos de abordagens lexicais que copiam a palavra permitindo o seu uso em um outro contexto.

Metodologicamente, buscou-se apoio bibliográfico em livros, revistas e periódicos, bem como em sites específicos, além de anotações sobre as palavras pronunciadas corriqueiramente no cotidiano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Dessa maneira, propõe-se contribuir para as reflexões a respeito de ambiguidades, com argumentos baseados na teoria semântica cognitiva.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A semântica faz parte da linguagem e história da língua portuguesa, assim como de todas as línguas, desde as primeiras origens no latim, e o processo de sua evolução, até chegar ao português brasileiro atual. O seu sentido se ocupa em estudar o significado das expressões linguísticas, da mesma forma que das relações de significado que essas expressões celebram entre si e com o mundo.

Nesse sentido, Lyons (2011), discorre que a semântica é o estudo do significado. No entanto, afirma:

Mas o que é significado? Os filósofos vêm debatendo a questão, com referência especial à linguagem, já há mais de dois mil anos. Ninguém conseguiu ainda apresentar uma resposta satisfatória. Uma das possíveis razões para isso é que, da forma como está elaborada, a pergunta é irrespondível (LYONS, 2011, p. 103).

Para Lyons (2011) a concepção filosófica na qual o debate vem sendo realizado há milênios, e que se arrasta até os dias presentes, continua carregada de tradicionalismo. O autor segue afirmando que “de acordo com o que foi durante muito tempo a teoria semântica mais difundida, os significados são ideias ou conceitos que se podem transferir da mente do falante para a do ouvinte” (LYONS, 2011, p. 103).

2.1 Linguagem e significado no contexto semântico

Considerando os estudos relacionados à semântica, no tocante a ser a ciência que estuda as relações e os mecanismos relativos aos sentidos, através do funcionamento das línguas naturais, tentando explicar os elos que existem entre os comportamentos discursivos, num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais, Pottier (1992, p. 11) afirma que “a semântica é uma palavra advinda da língua francesa *sémantique*, que tem por expressão a definição geral de “que significa”.

Para Lyons (2011, p. 1) “a linguística é o estudo científico da língua (gem)”. Assim, diversos autores apresentaram suas definições acerca do que é a linguagem. Filósofos, psicólogos e linguistas frequentemente salientam que é a posse da linguagem o que claramente distingue o homem dos outros animais. No entanto, segundo Lyons (2011), não se

pode possuir ou usar a linguagem natural sem possuir ou usar alguma língua natural específica. “Por exemplo, matemáticos, lógicos e engenheiro de sistemas frequentemente elaboram, por motivos específicos, sistemas de notação que, legítima ou ilegitimamente chamados de linguagens, são artificiais, e não naturais” (LYONS, 2011, p. 2).

Para Martelotta (2013, p.31) “trata-se de um termo de difícil definição, já que, além de ser utilizado com acepções distintas por autores diferentes, não é raro um mesmo autor lhe atribuir significados um pouco distintos”.

Assim, a linguagem possui diferentes funções, essas estão associadas, segundo Martelotta (2013) a comportamentos enraizados na vida social que transcendem a mera transmissão de informações. Para esse autor, vários cientistas tentaram responder à pergunta sobre como delimitar essas funções. Para Martelotta (2013), Jakobson é o linguista de referência para essa teoria. A seguir, verifica-se os elementos constitutivos da comunicação:

Figura 1 – Elementos da comunicação



Fonte: Adaptado de Martelotta (2013).

Com base nesses elementos constitutivos do ato de comunicação, Jakobson (2010) estipulou seis funções da linguagem, cada uma centrada em um desses elementos, conforme o quadro:

Quadro 1 – Funções da linguagem

Função referencial	Consiste na transmissão de informação do remetente ao destinatário.
Função emotiva	Consiste na exteriorização da emoção do remetente em relação àquilo que fala.
Função conativa	Consiste em influenciar o comportamento do destinatário.
Função fática	Consiste em iniciar, prolongar ou terminar um ato de comunicação.
Função metalinguística	Consiste em usar a linguagem para se referir

	à própria linguagem.
Função poética	Consiste na projeção do eixo da seleção sobre o eixo da combinação dos elementos linguísticos.

Fonte: Adaptado de Martelotta (2010).

Nesse contexto, enfatiza-se a linha cognitiva, que, especificamente, trata da base do significado, que é dado através da cognição, utilizando as teorias de Saussure (1995). Mas também, o gerativismo como base. Segundo Saussure (1995), a linguagem se dá por meio de signos, e o estudo desses signos.

“Signo é um sinal que ocupa o lugar de qualquer coisa conhecida pela experiência: “esse gato é muito dorminhoco”. Assim, a palavra gato tem um significado, em função da nossa experiência geral com gatos” (SAUSSURE, 1995, p. 14).

Qualquer pessoa que vivesse num lugar onde não existissem gatos, não saberia a referência dessa palavra. Saussure ainda traz em sua teoria, a ideia de significante e significado, que são os constituintes do signo. O significante é a imagem acústica do signo (a parte material da linguagem). Já o significado representa a mensagem, ou seja, é representante da mente humana. Desse modo, é possível afirmar que a fala, combinada com o pensamento, expressa aquilo que queremos dizer. Em outras palavras, o que falamos é aquilo que nosso cérebro quer expressar. Assim, as sentenças são a junção da mente e da fala, constituindo a linguagem e o significado.

2.2 Processos cognitivos: lembranças, percepções e pensamentos.

Dentro do senso comum Cognição é tudo aquilo que está relacionado com as nossas lembranças, experiências, percepções e ao pensamento. Porém, cognição vai muito além e engloba o próprio conceito de mente. A base da linguística está ligada ao processamento e à transmissão de informações. A linguagem pode ser vista como interação social, instrumento de organização, construções de sentido e significados, e adota uma perspectiva baseada no uso, na nossa usabilidade e realidade linguística, bem como rejeita o léxico mental, separado de outros tipos de saberes.

No geral a linguística cognitiva baseia-se na perspectiva realista do uso, na elaboração de sentidos e na interação contextual. Ela não está preocupada apenas com o sentido das palavras, mas sim com a construção delas, a partir de nossas experiências, em determinado contexto (JAKOBSON, 2010).

Nesse sentido, os aspectos semânticos cognitivos possibilitam a dubiedade de sentido de uma mesma palavra que possui a mesma escrita, ou seja, a homonímia.

A semântica de contextos e cenários assume que duas palavras idênticas são sempre a mesma palavra. Segundo a scc, não há homonímia perfeita, uma vez que o uso que o falante faz de sua língua é sincrônico e que, por isso mesmo, ele é habilitado a diferenciar os sentidos de um mesmo sinal independentemente das informações etimológicas, que, aliás, nem sempre ele possui. Assim, mesmo que dois sinais tenham origem etimológico ou mesmo uma trajetória derivacional diversa [como “casa” (verbo) e “casa” (substantivo), como “risca” (substantivo) e “risca” (verbo) etc.] esses sinais serão vistos e considerados pelo falante como um mesmo sinal, mas esse sinal será devidamente utilizado e interpretado com seu sentido adequado ao contexto e ao cenário em que se insere (FERRAREZI JR., 2008, p. 165).

Ainda para Ferrarezi Jr. (2008), não existe a utilidade de duas palavras ou expressões para dizer a mesma coisa, pois seria desperdício, tendo em vista que implicaria a existência de palavras e expressões com mesmo sentido, em qualquer contexto e cenário. Contudo, não há existência disso, mesmo quando trocamos uma palavra ou expressão por outra.

Essa multiplicidade de sentidos de um sinal é um recurso importante de economia para as línguas naturais, pois permite multiplicar os textos com o uso de um mesmo e menor conjunto de sinais do que seria necessário se cada sinal tivesse um e apenas um sentido. Essa propriedade atribuída aos sinais em uma língua natural é a polissemia (FERRAREZI JR., 2008, p. 165).

Para Lyons (2011, p. 109) “toda língua dispõe de um vocabulário, ou léxico, que é complementar à gramática na medida em que o vocabulário não só lista os lexemas da língua como também associa a cada lexema todas as informações necessárias às regras da gramática”.

Desse modo, Ilari (2013) discorre que os fatores linguísticos referentes à ambiguidade são muitos. A sentença aceita duas análises sintáticas diferentes, conforme pode ser observado:

- a) “Ambulante vende clandestino no centro”.
- b) “Ambulante vende clandestinamente no centro”.
- c) “Clandestino é vendido no centro”.

Desse modo, um mesmo pronome aceita dois antecedentes, conforme o exemplo a seguir:

- a) “Duquesa de York diz que nobreza quer manchar sua imagem”.
- b) “[...] manchar a imagem da duquesa”.
- c) “[...] manchara imagem da nobreza”.

Assim, uma mesma palavra pode conter dois sentidos diferentes, de modo que um mesmo operador se aplica de duas maneiras diferentes às sentenças. Tal como o exemplo:

- a) “Palmeiras só empatou com Bahia pelo Brasileiro – 1996”
- b) “Jogando contra o Bahia pelo Brasileiro de 1996, o Palmeiras não vai além do empate”.
- c) “A única ocasião em que o Palmeiras empatou com o Bahia até hoje foi durante o Campeonato Brasileiro de 1996”.

Observa-se que uma mesma sequência de palavras pode, ou não, ser interpretada como uma frase feita. Veja-se o exemplo a seguir:

- a) “ O Senhor Guimarães caiu das nuvens”.
- b) “Ficou surpreso com alguma coisa?”.
- c) “Não, caiu das nuvens mesmo. O avião em que ele voava sofreu uma pane”.

Além dos fatores que chamamos aqui de linguísticos, a ambiguidade pode derivar da nossa dificuldade em decidir se as palavras foram usadas “literalmente” ou de maneira indireta, como por exemplo, para fazer uma ironia. Dessa forma, pode-se chegar ao entendimento de que nem todos os lexemas são palavras. Conforme Lyons (2011, p. 109) “muitos lexemas são lexemas sintagmáticos”.

2.3 Linguística cognitiva: conceituações

A linguística cognitiva é estudada através da percepção e concepção da língua natural, considerando a percepção e a experiência humana no mundo. Na linguagem erudita, predominam os estudos sobre a semântica e os significados, ao invés dos estudos gramaticais ou da descrição da língua. Assim, para melhor entendimento da cognição, é necessário retomar brevemente o entendimento da linguagem. Martelotta (2013) propõe que a função da linguagem é transmitir informação de uma pessoa para outra ou de uma geração a outra. No

entanto, observa-se que, a linguagem possui diferentes funções arraigadas à comportamentos sociais, que vão além da mera transmissão de informações.

Para Ferrari (2011) a linguagem detém uma gama de situações, seja ela uma linguagem simples ou complexa. Para esse autor, mesmo dentro de uma linguagem simples, existem implícitos mais complexos. Esses implícitos estão contidos em um conjunto de informações num cenário cultural, onde os implícitos carregam uma gama de informações que muitas vezes é necessário interpretar para ser entendido. Um bom exemplo disso, são as propagandas e a ironia. Muitas vezes temos de lidar com essas situações que envolvem os implícitos no ato da comunicação e na transmissão de informações.

A linguística cognitiva surgiu nos finais dos anos de 1970, impulsionada pelo interesse sobre o fenômeno dos significados, evidenciado pelo movimento da Semântica Gerativa, tomando como base a teoria de Chomsky, cujo desenvolvimento se deu no final de 1950, oportunizando o fundamento de uma nova tendência para os estudos linguísticos, por considerar a linguagem como um sistema de conhecimento autônomo. Assim, a linguagem é considerada como uma parte integrante da cognição e em interação com outros sistemas cognitivos, tais como a percepção, atenção, memória, raciocínio, etc.

Em termos mais específicos, podemos dizer que, de um modo geral, a proposta cognitiva leva em conta aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados é importante registrar que esses aspectos somente se concretizam socialmente, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. Em outras palavras, segundo essa visão teórica há uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência (MARTELOTTA, 2013, p 179).

Segundo Martelotta (2013) para entender o posicionamento dos cognitivistas, é necessário compreender que os sentidos são para eles como entidades conceituais, onde as palavras e as estruturas da língua servem para simbolizar e construir o que a comunicação do falante, quanto às cenas que reproduzem e os fatos realizados no cotidiano. “Toda informação é posicionada, no sentido de que, normalmente, não falamos a respeito do que o mundo é, mas da visão que temos dele” (MARTELOTTA, 2013, p. 183).

Se pegarmos as concepções desses autores supracitados, e fizermos uma análise, é possível entender que no processo de comunicação, geração de informação e uso da linguagem, em conformidade com a simbologia, temos como fato, a geração de

conhecimento, que nada mais é do que a cognição propriamente dita, a partir da qual o falante tem a capacidade de transmitir a informação no ato comunicativo.

Nesse contexto, é possível afirmar que todo o processo produtivo que o ser humano é capaz de empreender, leva em conta sua capacidade de comunicar-se. E essa comunicação se faz sob uma base simbólica, que por sua vez é estabelecida sob outra plataforma, mais pormenorizada, mais complexa e evidente, que é a língua. Diante disso, as pessoas se interagem e se comunicam, por meio de uma simbologia cognitiva para, através desse processo, gerar informações. Essas por sua vez, são resultantes de uma linguista adequada, cerceada de recursos linguísticos, capazes de fazer com que as pessoas compreendam as ideias umas das outras.

Desse modo, esta referência a situações externas à língua que sugere que os significados estão de alguma forma ligada ao mundo, a algo que tomamos (ou construímos) como independente da língua. Sendo assim, a semântica e a cognição se interceptam e se complementam, facilitando o processo de geração de informação e sua comunicabilidade, mesmo que nesse processo surjam ambiguidades.

3 AMBIGUIDADES E SEMÂNTICA COGNITIVA

A semântica é a área ou o nível de estudo linguístico que estuda os significados e os sentidos das palavras. De acordo com ponto de vista essa descrição do que é um significado pode variar. Podemos dizer assim que há semânticas. Ela divide-se em três partes: formal, argumentativa, cognitiva. Num primeiro momento os sentidos e significados eram atribuídos fora da linguagem, ou seja, as coisas eram nomeadas: Língua – palavra e objeto do mundo. Mas ao passar do tempo esse sentido atribuído fora da língua foi se modificando, pois essa determinação foi perdendo o sentido e passou a ser considerado o significado dentro de um contexto, discurso sócio – histórico e ao contexto cultural e social. Não há um só objeto para um só signo na semântica. Os fatores extralinguísticos vão influenciar para que esse objeto, esse signo possua significado. Portanto, não há um mundo objetivo, a verdade é construída pelo homem.

Diz-se que há ambiguidade quando um mesmo falante atribui a uma mesma sentença, em um mesmo contexto e em um mesmo cenário, mais de um sentido às palavras. De modo que essa característica pode ser propositadamente construída por quem formulou a sentença, ou estar presente no ato da comunicação, sem querer (FERRAREZI JR, 2008).

Nesse aspecto, Normand (2012, p. 32) relata que “na fala, a possibilidade de interpretar uma sentença de mais de uma forma é bem mais rara do que na escrita”. E segue afirmando:

Quando falamos, isto é, quando estamos em uma situação de interlocução, conversando com uma pessoa normalmente, as informações contextuais e de cenário disponíveis nos ajudam a interpretar as sentenças na direção em que a conversa nos leva. Ainda assim, uma mesma sentença pode receber outro sentido, principalmente quando nosso interlocutor está disposto a complicar as coisas (NORMAND, 2012, p. 33).

O ato da comunicação requer certas habilidades específicas que a maioria das pessoas não detém. Ao se comunicar oralmente, por exemplo, o falante pode emitir uma série de lexemas, cuja constituição faz parte de seu vocabulário. De modo que esse vocabulário corresponde ao conjunto cognitivo desse falante, e isso pode causar diversos impactos, principalmente os de comportamentos sociais. As ambiguidades e suas formas, se manifestam tanto na comunicação falada quanto escrita, de modo que os aparecimentos nas sentenças devem ser bem compreendidas, principalmente para que possam ser evitadas, pelo fato de provocar diferentes interpretações por parte do leitor. A ambiguidade causada pela polissemia

das palavras é das mais usadas para fins de humor. Mas também, pode causar problemas de interpretação em textos que deveriam ser sérios (FERRARI, 2011).

Nesse âmbito, Ferrarezi (2008) discorre que a ambiguidade do texto pode ser causada por vários fatores, mas há três tipos fundamentais:

a) **Ambiguidade causada pela polissemia de uma palavra.** Exemplo: “Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas”. A possibilidade de mais de uma interpretação está no uso de palavras como “piranha” e “jacaré” com sentidos diferentes daqueles que apontam para o peixe e para o réptil.

b) **Ambiguidade causada por anáforas ou catáforas de múltipla interpretação.** Exemplo: “O gavião comeu o pardal em seu ninho”. Nesse caso, ninho de quem? Do gavião ou do pardal? O problema está no fato de que a palavra “seu”, anafórica aqui, pode retomar tanto ao “gavião” como ao “pardal”.

c) **Ambiguidade pela possibilidade de múltipla interpretação estrutural.** Exemplo: “Meu avô cuidou da planta doente”. Nesse caso, quem estava doente, o avô ou a planta? Assim, o problema surge pelo fato de que a palavra “doente”, nessa estrutura pode funcionar tanto em relação a “planta” como em relação a “avô”.

A semântica é a área da linguística que estuda o significado e o sentido das palavras. Divide-se em três partes: formal, argumentativa, cognitiva. Sendo a última a base teórica que fundamenta essa pesquisa, pelo fato em que consiste na definição dos aspectos semânticos cognitivos que possibilitam a diferenciação dos significados de palavras ambíguas.

Para verificar as ambiguidades, sob o foco da semântica cognitiva, foram selecionadas algumas palavras que se tornaram expressões. Devido a seu aparato cognitivo, essas expressões serão analisadas à luz da linguística e da semântica. Bakhtin (2000) discorre que ao escrevermos e falarmos para interagir com o mundo, criamos perspectivas com as palavras. O vocabulário criado a partir delas, denotam diversos significados, que podem originar outros significados. Desse modo, foram escolhidas algumas palavras para serem analisadas, considerando determinados contextos da linguagem. As palavras são: passada; merda; droga; peste; arraso; lacrou; chiclete; judas; sapão; cagando.

3.1 Análises semânticas

1 - Merda - Essa palavra, é considerada, na linguagem comum, um palavrão. Devido a sua ambiguidade, não é corriqueiro o uso da palavra cocô, por exemplo, no contexto da fala. Assim, é mais difícil ouvir a palavra cocô substituir a palavra merda, quando na realidade é o

contrário que se torna mais comum. Dessa forma, “merda” assume uma conotação pejorativa. No entanto, conforme o dicionário Aurélio (2010), significa materiais fecais, excremento imundície, porcária, coisa insignificante, ruim, irritante ou repulsiva, e tem como segunda definição: pessoa insignificante, sem valor, ou títica. Por exemplo:

- 1) Esse celular é uma “merda”, vive travando (irritante);
- 2) Uma “merda” que eu vou fazer o que ela pediu (palavrão);
- 3) Essa sandália está suja de merda (materiais fecais);
- 4) Ele é um médico de “merda” (pessoa insignificante).

Ao analisar a ambiguidade da palavra merda, primeiramente, temos que nos atentar ao seu sentido primordial: merda é igual a materiais fecais, fezes. Nesse sentido, pode-se inferir que seus significados se formaram a partir da analogia comparativa do objeto sem valor, inútil. Dessa forma, essas novas comparações e utilizações foram feitas e usadas em sentidos diferentes. No caso da frase 2, merda é utilizada em sentido de interjeição, uma expressão usada para enfatizar o que está sendo dito. Desse modo, cria-se a ambiguidade porque a palavra “merda” conforme expressa nos exemplos anteriores, pode ser utilizada em mais de uma forma. Conforme o exemplo 1 a palavra “merda” pode ser expressa com o mesmo sentido, causando o mesmo impacto, porém em diversas posições na frase, tais como: “Merda de celular”. “Celular merda”. “É uma merda esse celular”.

2 - Droga – A analogia e ambiguidade aqui, segue o mesmo princípio semântico da palavra anterior. Considerada um palavrão, apesar de sua correta classificação científica por se tratar de algo proibido ou que não pode ser usado corriqueiramente de forma lícita. Nesse sentido, algumas pessoas podem expressar insatisfação em alguma situação, daí usa a palavra “droga” para designar algo que não presta. De acordo com o dicionário Aurélio (2010), “droga” pode ser: um substantivo feminino (toda substância usada com propósitos químicos, farmacêuticos, em tinturaria etc.).

- 1) Popular: Substância que causa alucinações (morfina, cocaína etc.) e pode levar à dependência física ou psicológica; narcótico, entorpecente: tráfico de drogas.
- 2) Popular: Coisa de péssima qualidade, comida de gosto desagradável ou algo ruim, insignificante: este suco está uma droga; o filme é uma droga.
- 3) Figurado: Aquilo que pode ser viciante, capaz de atrair, de fazer apaixonar.

4) Interjeição: Expressão de irritação, descontentamento, falta de paciência: droga, a comida não chega nunca!

Etimologia (origem da palavra droga), proveniente da gramática francesa “drogue”, produto de farmácia.

Assim, a ambiguidade é gerada ao aplicar diversos sentidos à essa palavra. No sentido figurado, por exemplo, pode-se atribuir à palavra “droga” um sentimento negativo, onde a paixão pode ser vista como algo que faz mal, que adoce, que causa dor, que pode gerar desconforto mental, etc. Ou seja, “se apaixonar é uma droga porque a pessoa fica entorpecida, sem controle de si, podendo ficar atormentada. É nesse aspecto que a ambiguidade modifica, muitos sentidos linguísticos.

3 - Peste - O que a diferencia das palavras anteriores, apesar de ser considerada pela maioria dos falantes do português brasileiro como um palavrão, pois devido a sua característica, dá ao discurso, uma conotação negativa, embora sua intensidade linguística também possa ser utilizada em sentido positivo. “Peste” é uma doença contagiosa que, causando infecção, pode se manifestar como bubônica (tumores na pele), pulmonar ou septicêmica, sendo provocada pelo *Basillus pestis*, transmitida ao homem pela pulga do rato. Epidemia que causa um número excessivo de mortes. Toda forma de corrupção moral ou física. Algo mórbido, funesto, que lembra a morte, fedor, cheiro horrível e insuportável.

1) [Por Extensão] Pestilência: qualquer mal que pode ser contagioso.

Nesse sentido, a ambiguidade dessa palavra acarreta interpretações linguísticas diferentes, tendo em vista que seu significado mais comum é de fato relacionado às doenças. Embora possa ser aplicado a algo que não tem cura, como por exemplo: “A política é uma peste!”.

4 - Cagando - Na linguagem popular, essa palavra é considerada de pouco valor e de baixo calão. Porém, é bastante utilizada no sentido de dizer que não se está ligando para algo dito, ou para alguém, ou ainda para alguma imposição da sociedade. É como se inferisse a ideia de não ligar para a opinião dos outros:

- 1) “Estou cagando para o que dizem”
- 2) “Nestor nem tem medo de ser preso, ele está cagando para a polícia”

Cagando é uma forma do verbo (cagar) que significa: expelir fezes;defecar.

Em comparação a isto, temos nas frases acima (1) e (2), duas expressões que indicam a palavra cagando no sentido de pouca importância. Ou seja, em “Estou cagando para o que dizem”. (Cagando) significa que o interlocutor não está se importando com o que as pessoas falam. Na frase (2) por sua vez: “Nestor nem tem medo de ser preso, ele está cagando para a polícia”. Nesta oração a mesma palavra assume o sentido similar a não se importar por algo ou algum acontecimento futuro, trazendo dessa maneira, de forma inconsciente o uso desse verbo agregado ao seu sentido original, visto como irrelevante pela sociedade.

Diante dessas expressões, é possível inferir que as ambiguidades são inerentes ao processo de comunicação humano. Em seus cotidianos, a maioria dos falantes nem levam em conta a ambiguidade, e muitos nem sequer se atentam para isso, tendo em vista que o vocabulário é, muitas vezes, construído sob uma base cultural. De maneira que, ao inserir estas palavras em seu vocabulário cotidiano, não os utilizando de forma irresponsável. Essa ambiguidade assume uma simbologia que a maioria das pessoas desaprovam, uma vez que passa a ser vista como palavra de baixo nível, ou de baixo calão, ou ainda de palavrão, que numa relação social acaba sendo discriminada.

Nesse contexto, Carvalho (2013) relata que na oralidade cotidiana usamos uma linguagem mais solta, livre e espontânea, onde se reflete o contato humano de forma direta. Sendo assim, a linguagem é uma atividade de natureza social que se realiza por meio das interações verbais. Portanto, ao utilizar-se de palavra ambíguas, é possível interpretações diferentes também, no sentido de adequar a palavra ao sentido da expressão, da linguagem e da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunicação humana em toda interação verbal utiliza vocabulários que, em sua corporificação faz uso do léxico e da semântica, que têm a capacidade de ajudar o leitor a entender da melhor maneira possível o sentido da mensagem que se quer transmitir. E o mesmo pode-se dizer da comunicação verbal, onde os falantes também necessitam fazer uso de vocabulário adequado, preferencialmente em conformidade com o comportamento social, ou seja, que faça uso de palavras objetivas, de fácil entendimento e compreensão, e que não sejam palavrões. Para isso, a semântica se encarrega de apresentar as possibilidades de aplicação do vocabulário por parte dos falantes, visando facilitar o uso adequado da língua, isso ocorre porque possibilita o processo de comunicação.

Entretanto, nesse processo existe um estudo linguístico denominado de ambiguidade, que tem a função de atribuir sentido às palavras. É através da ambiguidade que se manifestam a homonímia e a polissemia, sendo a primeira, responsável por atribuir a mesma grafia e sentido diferente às palavras, enquanto a segunda se responsabiliza por atribuir diferentes significados às palavras, sem que seja preciso alterar a semântica.

Assim, a linguística corresponde ao estudo das palavras e das expressões, a partir da qual, é possível entender os sentidos simbólico que as palavras possuem, quando o indivíduo escreve ou fala. De maneira que, segundo Bakhtin (2000), seja possível dissociar a linguística. Nesse sentido, na ambiguidade nada é estanque, ressalta-se então, a pressuposição da elasticidade da linguagem em diferentes correlações e relações concretas. Logo, podemos dizer que as palavras escritas ou faladas, podem expressar diferentes entendimentos, e em se tratando de vocabulário, as expressões podem vir carregadas de vulgaridade.

Nessa pesquisa foi utilizado o método indutivo, para observar como ocorre a ambiguidade de palavras no cotidiano das pessoas, principalmente palavras consideradas vulgares ou palavrões. Para isto buscou-se apoio em livros e sites, além de observações informais em conversas cotidianas entre as pessoas. Por ser uma pesquisa qualitativa, não houve compilação de dados estatísticos.

Contudo, observamos que as interpretações dessas palavras ocorrem na expressão do falante, tanto por meio da manifestação oral, quanto escrita. De modo que a ambiguidade ocasionou diversas interpretações e sentidos, principalmente no tocante a maneira que o ouvinte ou leitor entende, dependendo de seu vocabulário. Desse modo, não somente a ambiguidade e a semântica foram objetos de análises, mas também o léxico e a cognição. Assim, concluímos que a formação das palavras, em seu sentido literal, não pode ser vista

apenas através da simbologia, mas por meio de várias partes, que se inter-relacionam para compor o vocabulário de uma pessoa.

Portanto, a ambiguidade lexical e a semântica cognitiva nos remetem ao entendimento de que as palavras formam o vocabulário, e que, através dele os indivíduos utilizam a língua para expressarem seus pensamentos e ideias. E também, as palavras podem assumir diferentes sentidos, gerando para o falante e para o ouvinte, a dubiedade, principalmente quanto às palavras ambíguas que denotam expressões, de certa forma, “vulgares”, não tão bem vistas pela sociedade, por representarem palavras de baixo calão.

Ao analisar a constituição dessas palavras, vimos que a ambiguidade pode enriquecer o discurso textual, tanto escrito quanto oral. E que a formação lexical tem a capacidade de dar ao falante, o poder de expressar-se, usando suas ideias, seja para fazer uma ironia, seja para demonstrar seus sentimentos.

Em termos de resultados, com este trabalho espera-se ter contribuído para um aprofundamento dos estudos sobre a semântica, a ambiguidade, o léxico e a cognição, assim como ter demonstrado que na formação da língua, a linguagem deve ser estabelecida, culturalmente, de forma natural, para que os indivíduos que formam a sociedade possam manifestar seus pensamentos de forma prática e compreensível.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CARVALHO, Cid Ivan da Costa. **Análise e expressão textual**. Mossoró: Edufersa, 2013.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica para educação básica**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- FRANCHI, Carlos. **Hipóteses para um Teoria Funcional da Linguagem**. Tese de Doutorado. Unicamp, 1975.
- GUEDES, Enildo Marinho [et al]. (Orgs). **Padrão UFAL de normalização**. – Maceió EDUFAL, 2012.
- GUIMARÃES, Maximiliano. **Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky**. São Paulo: Vozes, 2017.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa – Nova Ortografia**. - 8ª ed. – São Paulo: Editora Positivo, 2010
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica – brincando com a gramática**. 8. ed. -1ª reimp. - São Paulo: Contexto, 2013.
- JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22. ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.
- LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda W. Averborgu, Clarice S. De Souza. – Reimpressão. – Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed., 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2004.
- NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Tradução de Cristina de Campos Velho Birk et al. – 1. Ed., 1ª reimp.- São Paulo: Contexto, 2012.

POTTIER, Bernard. **Estruturas Linguísticas do Português**. São Paulo: Difusão Europeia, 1992.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVIA, Leilane Ramos da; BRITO, Maria J. de. **Manual de normas técnicas para apresentação de trabalhos monográficos**. João Pessoa: Editora Universitária – Funesa, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. Ed., 6ª reimpr.- São Paulo: Ática, 2004.